

## A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES TERRITORIAIS NA FRONTEIRA SUL DO BRASIL

### THE CONSTRUCTION OF THE TERRITORIAL IDENTITIES IN THE SOUTH BORDERLAND OF BRAZIL

**Tiaraju Salini Duarte**  
Universidade de São Paulo  
Doutorando em Geografia  
[tiaraju.salini@yahoo.com.br](mailto:tiaraju.salini@yahoo.com.br)

#### RESUMO

As fronteiras caracterizam-se na contemporaneidade por voltar ao centro das discussões, principalmente devido ao maior movimento populacional nestas áreas e aos conflitos gerados nos limites entre os países. Contudo, faz-se necessário não somente compreender a mobilidade espacial, mas também a construção cultural que ocorre nas zonas limítrofes entre os Estados Nacionais. A partir desta problemática, o presente trabalho tem como objetivo analisar a formação das identidades territoriais na fronteira sul do Brasil a partir dos símbolos fronteiriços, da paisagem pampeana, visando compreender as representações sociais oriundas dos processos de identificação. Os caminhos da pesquisa utilizados baseiam-se em revisões bibliográficas e análises de obras literárias.

**Palavras chaves:** Identidade territorial; fronteira; paisagem; mobilidade

#### ABSTRACT

The borderlands are characterized in the contemporaneidade by returning to the center of the discussions, mainly due to higher movement of populations in these areas and the conflicts generated in the limit countries. However, is necessary not only to understand the spatial mobility, but also the cultural construction that occurs in neighboring zones of National States. Based on this problematic, this paper aims to analyze the formation of territorial identities on the southern border of Brazil from bordering symbols, the Pampa landscape, aiming to understand the social representations derived the identification processes. The search paths that were used are based on the bibliographical reviews and literary works.

**Keywords:** territorial identity; borderland; landscape; mobility

## 1 – Introdução

As regiões de fronteira ganham uma importância significativa no século XXI, seja pela sua reestruturação, pela mobilidade populacional, pelos conflitos gerados nestas áreas ou pela construção cultural que as mesmas possibilitam. Como afirma o autor Rogério Haesbaert: “Uma análise do mundo contemporâneo e de seu des-or-denamento espacial não pode deixar de considerar um fenômeno fundamental: a mobilidade das pessoas” (HAESBAERT, 2007. p. 92).

Contudo, faz-se necessário não somente compreender a mobilidade das pessoas, mas também a construção cultural que ocorre nas zonas limítrofes entre os Estados Nacionais. Dessa forma, podemos compreender que existem diversas maneiras de abordar a temática da mobilidade populacional e a questão fronteiriça. Logo, o presente trabalho opta por analisar as fronteiras da Região Sul do Brasil a partir de um dos vieses possíveis: a construção das identidades territoriais.

Para compreender a construção da identidade partimos da premissa que essa é fruto de ações sociais. Destaca-se que todos os seres humanos estão inseridos no processo de construção identitária, pois, constantemente são estabelecidas relações simbólicas e subjetivas com o mundo que nos cerca, repletas de significados culturais. Podemos, então, compreender que a identidade na região de fronteira é fruto do espaço vivido fixado por limites administrativos, sendo formado por agentes sociais que circulam por entre estas linhas fictícias e que constroem neste processo uma identificação que muitas vezes se torna a marca regional cunhada no imaginário da população.

Por conseguinte, o objetivo principal desta pesquisa é analisar a formação das identidades territoriais na fronteira do Brasil com a Argentina e o Uruguai a partir dos símbolos fronteiriços, da paisagem pampeana e as representações sociais oriundas deste processo de identificação.

Para atingir este objetivo, o presente trabalho centra-se em quatro vertentes que constituem a região de fronteira entre os países supracitados: a paisagem na fronteira do Rio grande do Sul; A literatura e a música de fronteira; as representações sociais e identificações espaciais.

Como caminho da pesquisa para realizar este artigo tem-se como prerrogativa básica a busca pelo esclarecimento conceitual sobre algumas temáticas que vem se desenvolvendo nos últimos anos sobre os conceitos de identidade territorial e as representações espaciais geradas por esta.

Em vista disso, para desenvolver a discussão optou-se por uma revisão bibliográfica sobre a referida temática, tendo como objetivo compreender as discussões teóricas que vem sendo

desenvolvidas nos últimos anos sobre as problemáticas criadas nas fronteiras. Além disso, buscou-se analisar dissertações de mestrado e teses de doutoramento que circundem as discussões sobre a constituição da identidade e o uso das mesmas para a construção de um imaginário social na fronteira sul brasileira.

O presente trabalho então divide-se em três partes: a primeira centra-se na discussão teórica sobre a construção da identidade e do território. No segundo momento analisamos a paisagem transfronteiriça e o papel do bioma Pampa na construção do imaginário social da população sulina. Por fim, é analisado a literatura e a música de fronteira, tendo como foco as representações sociais e os processos de identificação gerados por esta. Ressalta-se no início deste trabalho que esta pesquisa não visa esgotar a discussão sobre as identidades na Fronteira sul brasileira, mas sim contribuir para compreender os processos que levam a sua constituição.

## **2 - Resultados e Discussões**

### ***2.1 O território e a identidade***

O território pode ser entendido a partir das relações de poder no espaço, sendo estes materiais ou imateriais. Já a identidade é um processo particular de identificação dos grupos sociais no espaço e no território e uma busca constante por uma sensação de pertencimento.

Na atualidade, derivada de inúmeras contradições presentes na modernidade, pós-modernidade e no processo de globalização, as identidades territoriais retornam ao foco das discussões teóricas e empíricas sobre o tema. Para Sawaia (1999),

Um dos imperativos da modernidade contemporânea, indiscutivelmente, é a busca pela identidade. Isto é da representação e construção do eu como sujeito único e igual a si mesmo e o uso desta como referência de liberdade, felicidade e cidadania, tanto nas relações interpessoais como intergrupais e internacionais. É inegável a contribuição da referência identitária neste momento em que indivíduos, coletividades e territorialidades estão redefinindo-se, reciprocamente, em ritmo acelerado. (SAWAIA, 1999, p. 119)

A identidade está intimamente relacionada aos processos sociais e culturais presentes na organização da sociedade em relação aos seus espaços, como afirma Boaventura de Souza Santos (1997), “identidades são, pois, processos de identificação em curso” (SANTOS, 1997, p. 135.). E, estes processos se dão de forma ininterrupta ao longo do tempo, de modo que a sociedade está em constante renovação de seus valores, crenças, tradições, entre outros traços de identidade.

Na pós-modernidade percebe-se que as identidades não se tornaram rígidas, mas sim voláteis, transitórias, mutáveis, inseridas em ações de mudanças constantes, tanto dos indivíduos quanto das coletividades humanas.

Manuel Castells (1999) vai ao encontro desta perspectiva quando afirma que:

Entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (os) qual (quais) prevalece (m) sobre outras fontes de significados. (CASTELLS, 1999, p. 22)

Estes significados são entendidos aqui como uma identificação simbólica dos atores sociais. Por conseguinte, nesse processo recriam-se no imaginário individual valores e práticas que serão mobilizados na construção de uma identidade coletiva sobre o espaço. Estas, para a sua construção, não respeitam limites administrativos criados pelos Estado-Nações, mas sim criam-se em conjunto com esta interseção, sendo a mesma parte e fruto das relações estabelecidas na fronteira.

Acerca das identidades, Stuart Hall (2006) define três recortes para compreender a criação das identidades: O primeiro se refere à identidade iluminista do século XIX, onde a visão centralizadora repousa sobre o ser humano. Esse aparece como o centro da razão, logo, este processo o torna um ser individualista.

Na segunda perspectiva encontra-se o sujeito sociológico, o qual inserido na época moderna encarna a complexidade do mundo e de suas relações. Esse, ao contrário do anterior, não se torna autônomo, mas sim dependente da sociedade, caracterizando a concepção clássica da sociologia com a identidade, onde essa só existe pautada na relação dos atores com sociedade, ou seja, do individual com o coletivo.

Na terceira concepção, o autor discorre sobre o “novo ator social” que emerge na pós-modernidade, um sujeito em crise com sua identidade. Anteriormente este conceito era tido como concreto e estável, contudo, nesta nova era, o ator social se fragmenta e mergulha em diversos processos de identificação, partindo do pressuposto que as relações no espaço e, por consequência no território, tornam-se mais velozes devido a meio técnico científico informacional, criando e recriando símbolos que acarretam múltiplos significados e variadas identidades.

Para Hall (2006),

O sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencialmente ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formulada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p. 12)

Em regiões transfronteiriças este movimento contraditório é evidente. Ao mesmo tempo em que o ator social possui uma identidade nacional correspondente ao seu país de origem, o mesmo constrói na faixa limítrofe um processo de identificação com os mais diversos sujeitos históricos que vivem neste contexto. Esta contradição origina as identidades territoriais que extrapolam os limites administrativos nacionais.

Assim, atores sociais possuem distintas identidades em momentos diferentes de suas histórias, muitas vezes se contradizendo. A pergunta que se faz é: será que mesmo inseridos nestes processos contraditórios e ininterruptos de identificações, pode-se construir uma identidade comum em uma região de fronteira para formar uma identidade territorial?

A resposta a esta questão perpassa pela ideia de que o território também é constituído de uma dimensão simbólico-cultural, portanto, de processos de identificação. Neste espaço delimitado, seja concreto ou abstrato, existe a construção de identidades territoriais. Desta forma, a fronteira também se constitui como um território que está sobreposto aos limites políticos dos países vizinhos. Rogério Haesbaert vai afirmar que: “De uma forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes”. (HAESBAERT, 1999, p 172)

Assim, destaca-se que nas regiões de limites transfronteiriços, as identidades que são criadas não fazem referência somente a pessoas, objetos e limites políticos, mas também a uma simbologia que é construída historicamente, carregando signos do passado e do presente. São representações que constroem o processo de identificação. Este, por sua vez, perpassa pela noção de semelhança, igualdade e afinidade de um ser humano com outro, seja com objetos, músicas, idiomas e dialetos.

Ela [a identidade] nunca é construída a partir da mera diferença ou de características “próprias”, “singulares”, pois tem sempre um caráter reflexivo, isto é, identificar-se implica sempre identificar-se com, num sentido relacional, dialógico, e a identidade, por mais essencializada que pareça, justamente por seu caráter simbólico, é sempre múltipla e/ou está aberta a múltiplas re-construções. (HAESBAERT, 2007, p. 42)

Contudo, muitas correntes de pensamento transcorrem a ideia de que esta identidade caminha sempre no campo do irreal, no âmbito simbólico-imaterial. Não obstante, por mais que esteja pautada nesta dimensão, a mesma necessita da perspectiva material para a sua consolidação, ou seja, de um marco concreto, de uma referência espacial, mesmo esta sendo em um espaço que tangencia diversos países. Conforme explica Haesbaert (2007),

As identidades não são construções totalmente arbitrarias ou aleatórias, elas precisam ancorar-se em referentes materiais ou, em outras palavras, tem sempre uma fundamentação política “concreta”. “As marcas da identidade não estão inscritas no real, mas os elementos sobre as quais as representações de identidades são construídas e são dele selecionados. (HAESBAERT, 2007, p. 42)

No caso da região de fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, destacam-se alguns marcos materiais como as aduanas e pontes que demonstram a divisa territorial. Estes são marcos criados a partir dos conflitos entre os países fronteiriços e que fazem parte materialmente da nossa história. Todavia, esta delimitação não necessariamente será material, como no caso de grupos de indivíduos que constroem no espaço territórios simbólicos, sobrepondo-se ao território do Estado-nação ou de uma divisão fronteiriça.

Assim, pode-se citar como exemplo de uma simbologia o dialeto da fronteira criado entre os países vizinhos (no caso o *portunhol*), a literatura e a música que demonstram o pertencimento espacial dos grupos sociais que residem nessa região. Desta maneira, o território da identidade de fronteira extrapola estes “muros” administrativos, sendo construído a partir do imaginário dos sujeitos históricos na escala local. Como explica Haesbaert (1999),

Os grupos sociais podem muito bem forjar territórios em que a dimensão simbólica (como aquela promovida pelas identidades) se sobrepõe à dimensão mais concreta (como a do domínio político que faz o uso de fronteiras territoriais para se fortalecer). (HAESBAERT, 1999, p. 171).

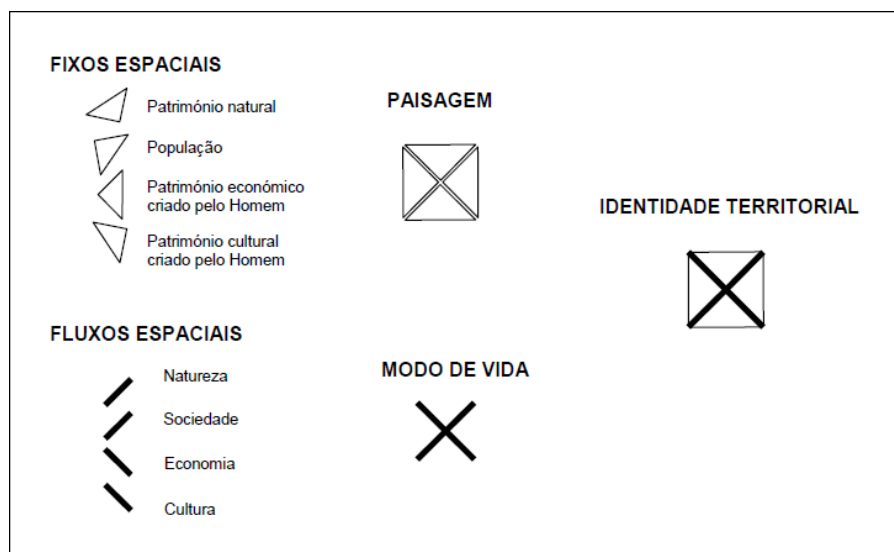
Assim, pode-se dizer que a identidade de um grupo social se forma no território, tanto no âmbito simbólico quanto no concreto. Logo, esta identidade possui fixos e fluxos que irão percorrer toda estrutura social. Roca (2005) destaca que a identidade territorial “pode ser entendida como um conjunto de fixos e fluxos espaciais que irão caracterizar uma unidade territorial”. (ROCA, 2005, p. 07)

O conjunto de fixos constitui tanto as paisagens naturais (ou modificada pelo homem) quanto as culturais. Já os fluxos são entendidos como a atividade, o movimento dos seres humanos

através de relações e significados. Estes últimos, combinados com os fixos conformam uma identidade no território.

O autor supracitado se utiliza de um esquema para representar, de forma sintética, a formação das identidades territoriais, considerando os fixos e os fluxos como um conjunto, uma união formadora da identidade no território. (Figura 01)

**Figura 01** - Esquema de fixos e fluxos para formar a identidade territorial



Fonte: ROCA, 2005, p. 07.

O conjunto de fixos espaciais pode ser compreendido como um memorial, uma planta centenária, uma estrada antiga onde passavam viajantes. A partir desses símbolos a população de um determinado local passa a identificar-se com esse, graças aos fixos e fluxos espaciais.

A identidade territorial objectiva é constituída por “fixos e fluxos espaciais”, visíveis ou invisíveis, tanto de ordem material como imaterial. Todos eles são registáveis e verificáveis através de dados e imagens das características das paisagens naturais ou culturais, incluindo registos de geo-símbolos, símbolos metonímicos e sinais mnemónicos, no caso dos fixos e, no caso dos fluxos, de características e atividades de ordem bio-geo-física, socioeconómica, cultural, tecnológica, política e outras que podem definir os modos de vida das populações. (ROCA, 2005, p. 9)

Tanto os fixos como os fluxos localizam-se no tempo e no espaço, e, por consequência disso, possuem uma base territorial, mesmo está sendo subjetiva. Como afirma Hall (2006):

Todas as identidades estão localizadas no tempo e no espaço simbólicos. Elas têm aquilo que Eduard Said chama de suas “geografias imaginárias”, suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de casa/lar, de heimat, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas [...]. (HALL, 2006, p. 76)

Logo, parte-se da compreensão de que toda identidade é concebida a partir de aspectos únicos, criados em um dado momento histórico, tendo como referência um aporte territorial. Rogério Haesbaert (2007) sintetiza de maneira pontual e clara o que se entende nesta pesquisa sobre identidades territoriais.

No que estamos aqui denominando de identidades territoriais, escolham-se (ou, concomitantemente, reconstroem-se) espaços e tempos, geografias e histórias para moldar uma identidade, de modo que os habitantes de um determinado território se reconhecem de alguma forma, como participantes de um espaço e de uma sociedade comum. (HAESBAERT, 2007, p. 44)

## ***2.2 A paisagem da fronteira no Rio Grande do Sul e a identidade territorial***

A paisagem de fronteira guarda na memória da população um processo de identificação relacionado ao espaço físico e a simbologia criada pela linha limítrofe entre os territórios nacionais. A mesma constrói formas de representação social a partir da vivência na escala local. Como destaca o Geógrafo Milton Santos, a paisagem pode ser definida como:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 61)

Por conseguinte, a paisagem carrega um caráter perceptivo em si, ou seja, a mesma é derivada da percepção que os atores sociais construíram historicamente, a qual confluí de forma direta na constituição de uma identidade. O ser humano, enquanto criador de simbologias a partir dos sentidos e da memória inventariada vai remodelando a paisagem e o espaço com o andar histórico. Segundo o autor Paul Claval, a apreensão do mundo e da realidade social se dá por meio dos sentidos:

A vista é essencial para situar os objetos e os seres no espaço e apreender os movimentos; a audição dá uma dimensão sonora ao meio, suplementa (imperfeitamente) a vista para apreender a extensão e colore a vida de momentos de harmonia, de emoção, de medo ou de pânico; o odor ensina sobre as matérias e junta-se ao gosto para transformar o beber e o comer em prazeres. (CLAVAL, 2007, p. 81)

Na fronteira do Rio Grande do Sul com os países da Argentina e Uruguai; a vista, os cheiros e sons compõem uma paisagem tanto material quanto imaterial, pautada em costumes, músicas, literaturas, coxilhas, gramíneas, etc. Quando menciona-se os limites do sul Brasileiro, surge imediatamente a imagem da fronteira natural, o Pampa - que conjuga os países que construíram este espaço.



Em nosso imaginário, a paisagem natural carrega consigo uma simbologia que caracteriza os atores sociais que aqui residem. As pradarias e os campos com relevo sinuoso, o predomínio de gramíneas e herbáceas misturados com a prática da pecuária construíram ao longo do tempo um conjunto simbólico que caracteriza a paisagem desta região e cria um sentimento de pertencimento e identificação. Como afirma o geógrafo Aziz Nacib Ab'Saber, “a paisagem é sempre uma herança” (AB’SABER, 2007, p. 09). Esta herança é carregada de simbolismos regionais que compõem a figura do gaúcho na fronteira.

Esse espaço, enquanto quadro natural é representado pelo Pampa, os campos situados mais ao sul da bacia do Rio da Prata, onde predominam relevos de planície [...] uma unidade geográfica onde as fronteiras políticas, outrora móveis, deixaram marcas culturais que perduram até hoje em ambos os lados das nações que se formaram ao final do século XIX. (PANITZ, 2010, p. 21)

Logo, a paisagem natural do Pampa, caracterizado por pradarias, misturadas com florestas-galerias subtropicais compõe a paisagem da então denominada campanha gaúcha<sup>1</sup>.

Pampa não é uma denominação exclusivamente natural, não é somente uma paisagem na qual ocorre uma condição fitogeográfica e fisiográfica particulares, baseada na vegetação de pequeno e médio porte e no relevo de planícies e cerros. Esta unidade de paisagem foi, e é, o horizonte de vida das populações que ali se reproduziram sua história, desde os ameríndios até as sociedades da contemporaneidade. Neste sentido, foi sobre essa paisagem que se desenvolveu uma cultura particular, com ênfase na miscigenação das colonizações lusas e castelhanas, da presença africana, dos ameríndios (dizimados em quase sua totalidade) e mais tarde de outras sociedades europeias como a italiana. (PANITZ, 2010, p. 21)

Desta forma, tem-se a criação do imaginário social do denominado “típico” gaúcho, idealizado no Pampa transfronteiriço em comunhão com um conjunto de características naturais como, por exemplo; os rios que dividem este território, as correntes de ar que formam o vento regional minuano, o clima subtropical com a geada e o frio que ocorrem durante grande parte do ano.

Contudo, deve-se ressaltar que esta é uma visão idealizada de um arquétipo regional e que obviamente não compõe toda a identidade do Rio Grande do Sul. Como analisa Meri Lourdes Bezzi:

---

<sup>1</sup> A Campanha Gaúcha situa-se no este do Estado e constitui-se em uma das primeiras porções do espaço riograndense a ser povoada, através do processo de povoamento com a implantação de estâncias e charqueadas, que originaram crenças e valores essenciais para a construção da cultura gaúcha. O apego à “vida campeira” e a “lida” (trabalho) no campo via pecuária tem suas raízes na Campanha, juntamente com códigos essenciais para a representatividade da identidade cultural gaúcha, como a gastronomia (chimarrão, carreteiro de charque, churrasco), a musicalidade (tradicionalista), linguagem (surgimento de termos regionais, cujo significado está implícito nessa região), dentre outros. (BEZZI, 2009, p. 24)

Salienta-se que o gaúcho não deve ser avaliado somente mediante o tipo regional característico que se identifica pelo senso comum, como “grosso, ou seja, de modos rudes, de bota e bombacha, sorvendo chimarrão (BEZZI, 2009. p. 24)

Mesmo compreendendo que o gaúcho é composto por uma série de etnias que se misturaram ao longo da história do estado do Rio Grande do Sul, salienta-se que é inegável que a formação do imaginário social sulino está intimamente relacionada a paisagem pampeana da fronteira que delimita este estado com os países vizinhos. Logo, essa contribui significativamente para a construção e idealização da vida campeira, sendo o modo de vida “típico” do gaúcho uma idealização por parte de parcela da população, a qual tem o bioma Pampa como pano de fundo para as aventuras da imaginação dos atores sociais.

Fica claro, portanto, que o Pampa se caracteriza tanto por uma paisagem natural como cultural. Arrisca-se a dizer, inclusive, que muito do reconhecimento enquanto unidade natural se deve às inúmeras representações artísticas e cotidianas criadas pelos indivíduos e grupos sociais que fizeram dele, o Pampa, o seu quadro de vida. (PANITZ, 2010, p. 21)

Por conseguinte, tanto o Pampa como os limites políticos administrativos materiais constituem uma paisagem natural e cultural que moldura a construção idealizada do “vivente” da campanha. Esta, em conjunto com a música e a literatura fazem parte do imaginário da população que reside neste recorte espacial oriunda de um interfluxo cultural entre países da fronteira sul do Brasil.

### ***2.3 A literatura e a música de fronteira: representações sociais e identificações***

A literatura de fronteira caracteriza-se por relatar o “modo de vida” típico no limite entre países a partir das características destas regiões, como, por exemplo as relações comerciais, o frio, etc. A literatura no sul do Brasil busca as diferenciações que caracterizam essa região e dão gênese em suas escritas a identidade territorial da fronteira.

Apresentam sentir-se os mais diferentes em um país feito de diferenças. Isso deve-se, em grande parte, à sua condição de habitantes de uma importante zona de fronteira, com características únicas, a qual formaram e pela qual foram formados (o estado possui duas fronteiras com países estrangeiros de língua espanhola). (RAMIL, 2009, p. 04)

As representações sociais oriundas dos limites territoriais do sul Brasileiro relatam de certa maneira o isolamento desta região frente aos grandes centros comerciais deste país. A sua localização geográfica faz parte da construção identitária que diferencia esta região, a qual tem

na literatura o retrato das formas de ocupação deste espaço tradicionalmente inventado, fruto em grande parte do seu isolamento espacial. Esses quadros criam as representações sociais mais conservadoras dessa região; do outro lado o mesmo acaba ressaltando para muitos as qualidades que essa identidade tradicionalista carrega.

As fronteiras, tão móveis em nossa origem, pareciam ter mesmo grande importância nessa questão. [...] A figura do gaúcho era razão de muitas dessas fronteiras metafísicas não pacíficas. Para uns era motivo de veneração; para outros, de vergonha. Para muitos, especialmente os jovens, era a encarnação do conservadorismo, do autoritarismo, pois não só sua imagem estava historicamente associada ao nosso passado militarista, como a relação do rio-grandense para com seu imaginário regional era rígida, cercada de regulamento e disciplina, não como um vôo natural da imaginação, mas como uma visita a um museu; para muitos outros, porém, o gaúcho idealizado era modelo das nossas melhores qualidades. (RAMIL, 2009, p.15)

Outro destaque é a mobilidade populacional na fronteira (que também é uma mobilidade espacial), a qual representa parte deste tradicionalismo e cria em conjunto com o Pampa a idealização do “típico” gaúcho. Esta visão é representada figurativamente pelo retrato da “lida” de campo, o cavalo, a bombacha, o lenço, etc. Estes símbolos clássicos foram retratados de maneira minuciosa na obra de Érico Veríssimo com o personagem Rodrigo Cambará.

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o cap. Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. (VERÍSSIMO, 2004, p. 142)

O arquétipo do personagem gaúcho é então demonstrado, o qual mistura uma fantasiosa generalização da imagem do habitante do Sul, vinculado a guerras passadas e a constituição do sistema de fronteira.

No Rio Grande do Sul, o emblema literário mais recorrente é o gaúcho/peão. Da mesma forma, a literatura do Rio Grande do Sul é pródiga em verso e prosa ambientados na região da fronteira. [...]A literatura de fronteira pode ser reconhecida como um gênero, ao considerarem se índices como a origem geográfica dos autores, a tematização da fronteira e a interpolação do português, do espanhol e de termos locais, gauchescos, em sua maioria oriundos das línguas indígenas, por vezes assumindo-se como portunhol. (DORFMAN, 2012, p. 105)

A própria mobilidade da fronteira faz parte da literatura do Rio Grande do Sul, a qual criou em conjunto com os países vizinhos dialetos característicos como o *portunhol* retratado nas obras literárias.

De facto, o nosso regionalismo é todo de acentuado cunho fronteiriço, ainda quando a ação de contos e novelas se desenvolve longe da linha divisória. Críticos contemporâneos reiteram tal diagnóstico: a palavra 'fronteira' vem sendo [...] objeto de preocupação para todos aqueles que se voltam ao estudo da literatura sulriograndense. (DORFMAN, 2012, p. 105)

O regionalismo inventado a partir da literatura vai criando no espaço aquarelas sociais e símbolos que compõem a fronteira e a identidade territorial desses países. Tamanha é a importância dessa formação para a construção da identidade na fronteira que a autora Adriana Dorfman ressalta em sua tese de doutoramento o trabalho do literário Angel Rama, o qual denomina essa região de “comarca literária dos Pampas”, possuindo um vínculo com a fronteira, a paisagem natural e os dialetos originados a partir dessa região.

Entre as obras de literatura que caracterizam a fronteira podemos citar os “contos gauchescos” de José Simões Lopes Neto, mais especificamente um conto denominado o contrabandista, no qual será narrada a formação da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. O recorte temporal usado pelo autor se baseia em um passado no qual os limites dos Estados Nacionais ainda não estavam formados.

Outra obra desta literatura de fronteira é o livro do autor Vitor Ramil denominado de “*pequod*”, o qual retrata a vida em duas cidades distintas, mas que possuem um vínculo significativo: Pelotas e Montevideú. Uma cidade ao sul e outra cidade mais ao sul, separadas por um Pampa ondulado em forma de coxilhas e uma fronteira que delimita e ao mesmo tempo constrói identidades.

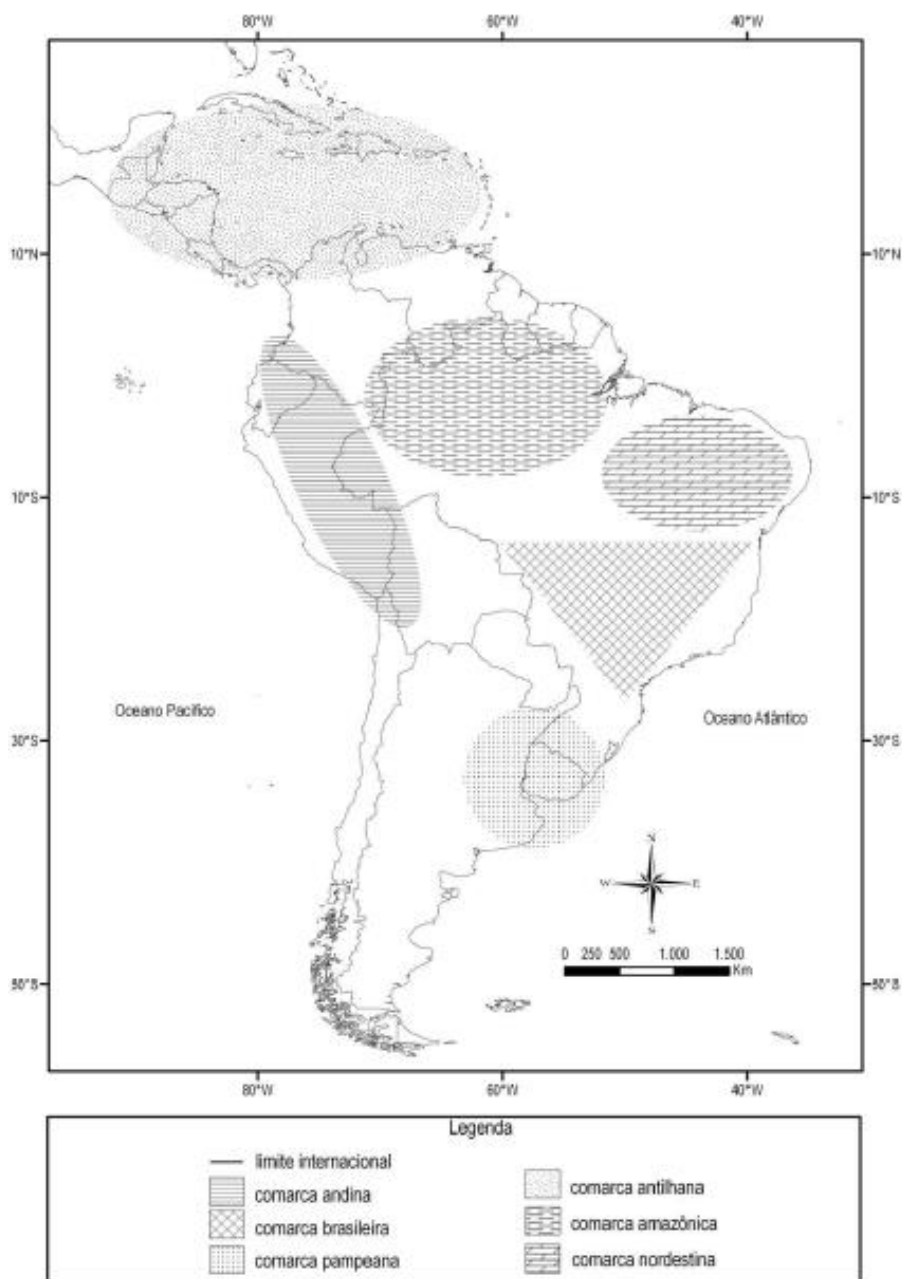
Pode-se ainda lembrar dos gêneros musicais oriundos da região de fronteira, os quais a partir de ritmos e sons que lembram muitas vezes a campanha gaúcha, o frio, a nevoa, a umidade, as vestimentas, o chimarrão, etc. Criam visões idealizadas nas mais longínquas milongas.

Do lado de cá das fronteiras, modestamente, eu a associava à imagem altamente definida do gaúcho e do Pampa. A milonga me soava uma poderosa sugestão de unidade, a expressão musical e poética do frio por excelência. (RAMIL, 2009. p. 22)

A milonga pode ser identificada como um ritmo musical que caracteriza uma região-paisagem: o Pampa. A mesma canta e entoia através de arranjos musicais a simbologia da fronteira e do

bioma em conjunto com o gelado inverno. No presente entendimento a milonga retrata musicalmente “a identidade de um povo circunscrita a uma região que se expressava fisiograficamente por uma paisagem”. (PANITZ, 2010. p. 133)

**Figura 02 - Comarcas literária do Pampa.**



Fonte: (DORFMAN, 2009, p. 127)

O ritmo, a paisagem, as canções, a literatura; todos estes fazem parte do imaginário social construído historicamente e que compõe em grande parte o processo de identificação com este espaço limítrofe. Não só a paisagem típica cantada ao som da milonga, mas também o Pampa retratado a partir de estórias mirabolantes pelos literários vão esculpindo pouco a pouco a

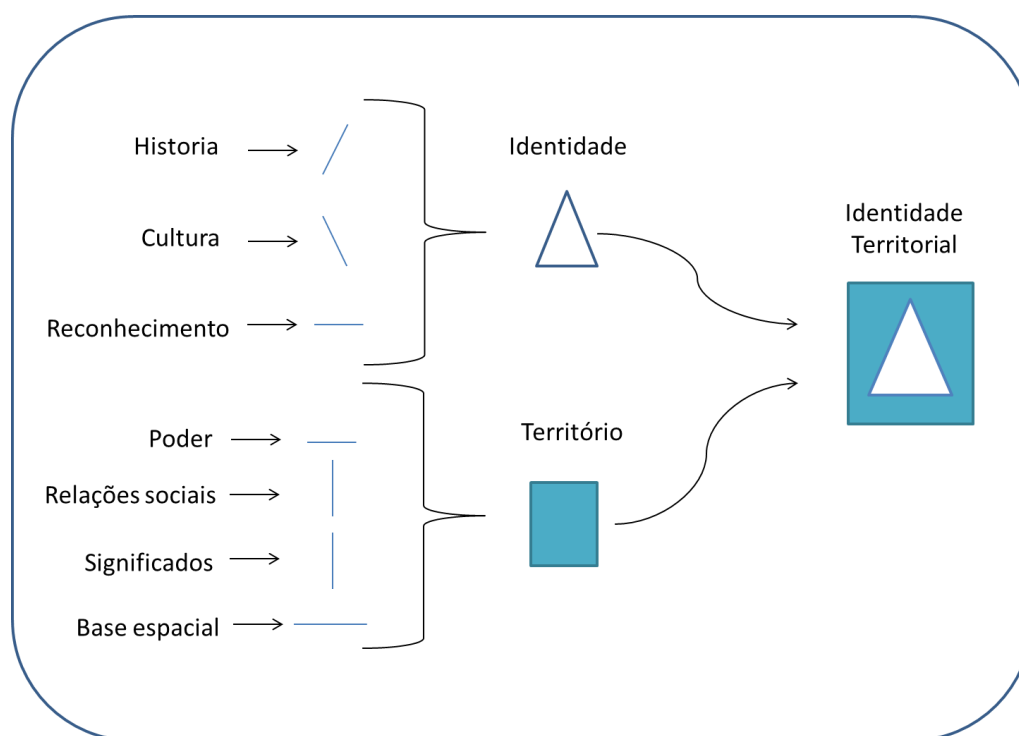
construção de uma visão do “típico” gaúcho. Este movimento da origem a geografias imaginárias que ao longo do processo histórico se consolidam como parte concreta e abstrata da identidade territorial sulina.

### 3 - Buscando considerações finais: identidades territoriais e fronteira.

Para buscar considerações finais sobre o processo de identificação na fronteira Sulina, tendo como base os referenciais apresentados, construiu-se um esquema teórico representativo que busca sintetizar (mas não esgotar) a formação da identidade territorial na fronteira sul do Brasil (Figura 03).

Observa-se neste esquema teórico que a identidade de fronteira é formada a partir de três pilares: o processo histórico de um determinado grupo social, onde a partir deste tem-se a construção de uma cultura comum. Pode-se ressaltar neste recorte a música e a literatura como uma construção histórica que faz parte da base social e gera um processo de reconhecimento territorial.

**Figura 03** - Esquema de formação da identidade territorial<sup>2</sup>



Fonte: Organizado pelo autor, 2015.

<sup>2</sup> Destaca-se que o quadro resumo da identidade territorial não tem por objetivo fechar a discussão ou até mesmo levantar o pressuposto que somente estes aspectos formam a identidade; muito pelo contrário, a ideia é a criação de um quadro síntese que busca demonstrar a formação da identidade territorial a partir de aspectos delimitados pelo autor.

Na parte dois, apresentam-se quatro pilares para sintetizar a construção de um território: O primeiro é a base espacial. No caso analisado, este se caracteriza pelo bioma Pampa, a paisagem natural que constitui a identidade da população residente em zonas de fronteira

O segundo é formado pelas relações sociais e as representações de poder. Destacam-se neste momento as disputas territoriais entre os Estados Nacionais e a busca pelo Poder gerado a partir das relações sociais, muitas vezes idealizados na literatura transfronteiriça. Por fim, têm-se os significados criados a partir dos símbolos que os atores sociais originam sobre o território. Símbolo aqui entendido não como sinônimo de representação ou substituição, mas sim a partir da ideia que “o símbolo mantém uma relação mais direta com a coisa nomeada e, ao mesmo tempo, mais carregado de subjetividade, ele teria abertura para levar a outros sentidos, indiretos, secundários e, de alguma forma, inesperados”. (HAESBAERT, 1999, p 178)

As relações sociais produzem uma base simbólica que representa e constitui a identidade territorial da fronteira Sul. Por fim, A junção dos quatro elementos irá formar um território, sendo esse material e imaterial.

Por conseguinte, buscou-se fazer uma análise dos principais conceitos que cercam o entendimento das identidades territoriais e sua constituição para compreender a região de fronteira, seguindo o princípio de que as identidades são construções em movimento e derivadas de processos sociais. Desta forma, defende-se que existe um imaginário social que configura a imagem do “típico gaúcho”, contudo, destaca-se que o mesmo está imerso ao movimento incessante da ampulheta do tempo, a qual modifica os símbolos espaciais e muda a configuração deste imaginário, reconstruindo as identidades territoriais diariamente.

## REFERÊNCIAS.

AB’SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: ateliê editorial, 2003.

BEZZI, M. L. **A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho**. Curitiba, n. 17, p 17-30, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**, vol. 1, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

DORFMAN, A. **Representações, normas e lugares: contos de contrabando da fronteira gaúcha. Para Onde!?**, Volume 6, Número 2, p. 102113, jul./dez. 2012

DORFMAN, A. **Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais**. 2009. 360f. Tese (Doutorado em Geografia). – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Curso de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUF, 1997.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B. da; HAESBAERT, R. (Orgs.) **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORREA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. 284p.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrandt Brasil, 2007.

PANITZ, L. M. **Por Uma Geografia Da Música: O Espaço Geográfico da Música Popular Platina**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de mestrado.

RAMIL, V. **A Estética do Frio**: Conferência de Genebra. Satolep livros, Pelotas: 2009.

ROCA, Z. **A paisagem como elemento da identidade e recurso para o desenvolvimento**. Anais do X Colóquio Ibérico de Geografia "A Geografia Ibérica no Contexto Europeu "Évora, Universidade de Évora. Portugal, 2005

SANTOS, B de S. **Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Ed. Cortez, 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo, 1988.

VERISSIMO, E. **O tempo e o vento: O continente**. Companhia das letras, 2004.

SAWAIA, B. B. **As Artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social**. 4ª. Ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1999.